



Educação Instrumentalizada: Nietzsche e as Palestras “Sobre O Futuro De Nossos Estabelecimentos De Ensino”

Camilo Lelis Jota Pereira¹

Resumo: Este artigo traz uma pequena apresentação da crítica de Friedrich Nietzsche ao modelo educacional alemão, presente nas cinco conferências *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*, ministradas em 1872, cuja abrangência permite pensar o impacto do Estado burguês na formação dos jovens e sua incidência prejudicial à cultura. Nietzsche argumenta que a *Bildung*, ao direcionar o ensino em prol do utilitarismo estatista, compromete a formação de indivíduos completos, transformando o ensino em um meio de atender aos interesses políticos e econômicos hegemônicos. Apesar do contexto cultural distante, defendemos que a crítica do filósofo ainda se faz atual em direção a uma educação libertadora.

Palavras-chaves: Educação; Nietzsche; Filosofia; Bildung; Neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

Entre fevereiro e março de 1872, o recém professor Friedrich Nietzsche apresentou cinco conferências sobre educação — havia a previsão da sexta palestra, mas essa não aconteceu — que não foram publicadas em vida, sendo reunidas postumamente. Nietzsche nomeou essa série de palestras proferidas enquanto era professor na Universidade da Basileia como “*Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*”², envolvendo-se na efervescência reformista de sua época, e marcando o ímpeto crítico com qual se dedica à questão. Em geral, Nietzsche destaca duas tendências aparentemente opostas nos estabelecimentos educacionais alemães: por um lado, há o impulso de expandir ao máximo a educação dos jovens, buscando levar a formação a círculos cada vez mais amplos. Por outro lado, existe o impulso de restringir e enfraquecer a *Bildung*, exigindo que a formação renuncie às suas supostas reivindicações de autonomia e se subordine à modalidade de vida do Estado.

As palestras de Nietzsche são um ponto de partida para entender suas críticas ao sistema educacional de sua época e sua visão para uma educação que promovesse a autonomia e o pensamento crítico. Em suma, o contexto dessas palestras é marcado por três elementos

1 Doutor em Filosofia, UNIFAL-MG. E-mail: camilofilosofia@hotmail.com

2 No original: “Über die Zukunft unserer Bildungsanstalten”.

principais: primeiro, são impressões de um jovem recém nomeado professor universitário, e que também ministrava cursos no *Gymnasium*, nível secundário de ensino como o nosso ensino médio. Essa experiência o colocou em contato direto com o sistema educacional, levando-o a questionar seus métodos e objetivos³. As palestras refletem, portanto, suas observações e frustrações com a realidade educacional da época. Segundo, temos o olhar aguçado para a ascensão do nacionalismo e do cientificismo na Alemanha. Em geral, o século XIX foi marcado por intensas transformações sociais, políticas e intelectuais, sendo que, na Alemanha, a unificação política e o crescimento industrial vieram acompanhados de um forte apelo ao nacionalismo e à supremacia da ciência. Nesse contexto, a educação tradicional, baseada na erudição clássica, passou a ser vista como obsoleta e descolada da nova realidade. As palestras de Nietzsche inserem-se nesse debate, questionando os rumos da educação em uma sociedade em transformação. Por último, são um crítica ao Estado por instrumentalizar a educação, transformando-a em ferramenta para a formação de cidadãos obedientes e úteis aos seus propósitos, em detrimento do desenvolvimento da individualidade e do espírito crítico.

Para Nietzsche, o domínio estatal da *Bildung*⁴ leva a um sistema educacional superficial e medíocre, com uma ênfase excessiva na erudição histórica e displicente com o ensino da língua materna, afastando-se do seu verdadeiro propósito: a formação de indivíduos excepcionais, capazes de genialidade e de elevar a cultura (Nietzsche, 2016, §1). Ele argumenta que a educação, em vez de conduzir os alunos a um contato genuíno com a arte e a filosofia, na verdade os afasta dessa tradição, privilegiando estudantes que se adaptam às necessidades do Estado, seja como futuros trabalhadores, burocratas ou soldados.

Esses estudantes não seriam necessariamente os mais talentosos ou promissores, mas sim aqueles que melhor correspondem às expectativas de um sistema que busca a homogeneização e a utilidade em detrimento da genialidade e da verdadeira formação cultural. Como exposto nas *Considerações extemporâneas*, a figura do *Bildungsphilister* se torna o emblema

3 Nietzsche deu aulas no nível ginásio enquanto era professor na Universidade de Basel, de 1869 a 1879. Além de lecionar oito horas por semana na universidade, Nietzsche era obrigado a dar seis horas adicionais de instrução em um ginásio local. Ele lecionou grego para as turmas superiores do Pädagogium. Um ex-aluno lembrou que Nietzsche era um professor gentil e atencioso que incentivava os alunos a trabalharem duro e se expressarem livremente. Outro ex-aluno descreveu Nietzsche como um professor inspirador que encorajava os alunos a se esforçarem ao máximo. Um artigo anônimo de 1929 descreveu Nietzsche como um professor dedicado que deixava seus alunos entusiasmados para aprender. Um ex-aluno anônimo lembrou que Nietzsche era um professor justo que raramente repreendia seus alunos. Um ex-aluno anônimo lembrou que Nietzsche era um professor paciente com alunos que tinham dificuldade em aprender (DIAS, 2024).

4 O conceito de *Bildung*, central na tradição intelectual alemã e frequentemente traduzido como “formação”, transcende a mera aquisição de conhecimento, representando um processo de desenvolvimento integral do indivíduo que abrange aspectos intelectuais, morais, éticos, culturais e sociais. Personalidades do século XVIII e XIX, como Fichte, Schiller e Humboldt, tinham como objetivo trazer o conceito de *Bildung* como um contraponto político-cultural-pedagógico ao modelo centrado na racionalidade instrumental, alertando para a necessidade de uma formação integral do indivíduo, que visava ao desenvolvimento pleno de suas capacidades intelectuais, morais e estéticas, o que se tornou um ideal para a sociedade alemã da época. Cultivar a capacidade de pensar criticamente, agir eticamente e contribuir para a sociedade, moldando o indivíduo como um ser humano completo e participante ativo do mundo.

dessa crítica: um cidadão típico que, apesar de deter um vasto conhecimento na sua área profissional, carece de profundidade e de um compromisso genuíno com a busca pela verdade (Nietzsche, 1997). O filisteu, nessa trama, não é simplesmente um indivíduo inculto, mas sim aquele que, apesar de ter acesso à educação e à cultura, permanece insensível à sua profundidade e se contenta com os ditames do mercado. Cidadãos avessos à alteridade, incapazes de lidar com a adversidade e presos a uma docilidade funesta, sem criatividade, educados sob a aparência de obediência e ordem, mas constituindo subjetividades tipicamente autoritárias. O filisteu é, em essência, um produto da “barbárie civilizada”⁵, um indivíduo educado no sentido de ser formatado pelos valores utilitários de uma sociedade mercantil, que fixa em uma conturbada ideia de progresso e de adaptação a questão da formação dos jovens.

1 O TEXTO SOBRE O FUTURO DE NOSSOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

A dimensão filosófica com o qual ele apresenta o problema pode ser visto mesmo na forma com a qual foi escrito, já que estas palestras foram apresentadas através de uma escrita ao modo do “diálogo platônico”, com uma generosa dose do romantismo literário pertinente à época. Essa estrutura dialógica da obra, com o filósofo experiente confrontando seu ex-aluno e os jovens estudantes, permite a sutileza das ideias, principalmente a importante *Technik der Bildung*: “a técnica mais delicada de todas que pode existir em uma arte... a técnica da educação” (NIETZSCHE, 2016, p. 43).

O cenário deste diálogo é uma região montanhosa e densamente arborizada ao longo do Reno, onde dois estudantes universitários, sendo um deles o narrador, se reuniram para praticar tiro com pistolas e se envolver em devaneios filosóficos. Eles cruzam o caminho de outra dupla, composta por um velho filósofo e um educador de meia-idade, que aguardam a chegada de um terceiro amigo. Após um mal-entendido inicial sobre os tiros de pistola e à medida que o sol se põe, deixando a escuridão prevalecer, os dois estudantes encontram-se ouvindo uma conversa entre os dois pedagogos. O tema central da discussão é o estado da educação na Alemanha, ou melhor, o estado geral da *Bildung*, e, crucialmente, o que pode ou deve ser feito para reformá-la e revitalizá-la.

Antes de tudo, para pensar esse aspecto do pensamento de Nietzsche deve-se reconhecer a complexidade do texto, de modo a evitar se estabelecer uma correspondência direta entre a filosofia mais geral de Nietzsche e qualquer um dos interlocutores desse diálogo, mesmo que alguns temas emergem de maneira clara. Dito isto, temos que a primeira palestra traz a tese central do texto: a verdadeira educação deve se concentrar no cultivo de indivíduos

5 Em linhas gerais, não se trata de criticar apenas as instituições educacionais em si, mas a mentalidade cultural mais ampla que molda essas instituições e é, por sua vez, moldada por elas. Destarte, o conceito de “barbárie civilizada” descreve o foco do problema: o paradoxo do progresso material e tecnológico da sociedade moderna que encobre uma profunda fragmentação interior, identificando a questão moderna como um “manual de educação interna para bárbaros externos” (Nietzsche, 1997). Um espaço de reprodução da moralidade tradicional e do pensamento dogmático na forma de repositório de conhecimento histórico superficial, que não se traduz em sabedoria ou transformação pessoal, aprisionando o indivíduo em um ciclo de ressentimento, desejos superficiais e frustrações.

excepcionais, capazes de pensamento crítico e independente, em vez de buscar uma educação massificada e superficial. Nesse espírito, na segunda palestra, o filósofo continua sua crítica ao sistema educacional, focando no papel crucial, porém distorcido, do ginásio. Ele argumenta que essa instituição, em vez de cultivar o verdadeiro espírito da *Bildung*, se tornou um ambiente que sufoca a genialidade e a individualidade, cultivando uma “falsa independência” dos alunos, exemplificada pela produção precoce de trabalhadores que, em vez de estimular a criatividade, reforçam a mediocridade e a artificialidade, visto na excessiva atenção à erudição em detrimento do desenvolvimento do senso estético e da sensibilidade à língua.

O enredo se desenvolve argumentando que a formação verdadeira requer uma imersão profunda na cultura clássica, com ênfase na arte e na filosofia gregas, elementos ausentes no sistema educacional da época. O personagem do velho filósofo acusa o ensino da língua materna de ser subaproveitado, pois, ao contrário de tomar a língua como um organismo vivo que precisa ser dominado de forma artística, permitindo ao indivíduo expressar suas ideias com clareza, originalidade e estilo próprio, o ensino da língua alemã é visto como contaminado pelo estilo superficial do “jornalismo”⁶ e por se basear em uma abordagem histórica e erudita que trata a língua como um “corpo morto” (Nietzsche, 2016, p. 108).

Na terceira palestra, o diálogo se volta para a figura do estudante universitário, argumentando que a tão alardeada “liberdade acadêmica” mascara a falta de uma verdadeira *Bildung*. Já que, em vez de se dedicarem à filosofia, à arte e ao estudo profundo dos clássicos, se perdem em especializações fragmentadas e em uma busca vazia por erudição. O velho filósofo lamenta a ausência de uma autêntica paixão pelo conhecimento, substituída por um pragmatismo superficial que impede o desenvolvimento de indivíduos completos e capazes de pensar criticamente. Essa crítica se estende à própria estrutura da universidade, que, segundo ele, reproduz e amplia as falhas do ginásio, formando “bárbaros instruídos” em vez de verdadeiros cultivadores do espírito.

No início deste século, uma tentativa tragicamente séria foi feita para dissipar essa névoa e abrir uma visão para o distante empíreo do espírito alemão. O episódio é excepcionalmente instrutivo, uma vez que a história das universidades não conhece nenhum esforço semelhante, e não há exemplo mais claro do que precisamos fazer agora. Estou falando da velha e original *Burschenschaft*. “Esses jovens trouxeram para casa da guerra o troféu de batalha mais inesperado e digno: a liberdade para a pátria. Coroados com esse louro, eles sonharam com algo ainda mais alto. Nosso jovem que voltou para a universidade se viu ofegante no ar opressivo e contaminado que pairava sobre os locais de ensino superior. Com os olhos arregalados de horror, ele de

6 Nietzsche não definia o jornalismo explicitamente, mas o retratava como um sintoma da decadência cultural, mais preocupado com o superficial e efêmero do que com o profundo e duradouro. Ele argumentava que o jornalismo estava substituindo a verdadeira educação, contribuindo para uma cultura superficial e uma linguagem empobrecida.

repente viu a barbárie não alemã habilmente escondida sob a erudição acadêmica de todos os tipos”; De repente, ele descobriu que seus próprios camaradas, sem um líder, haviam sido abandonados a um frenesi juvenil nocivo. E ele ficou indignado (Nietzsche, 2016, p. 69-70).

Na quarta palestra, o filósofo e seu interlocutor discutem a relação complexa entre genialidade, educação formal e a necessidade de instituições de ensino. O filósofo argumenta que, embora o gênio pareça florescer em meio à solidão e à independência, ele precisa de um ambiente propício para se desenvolver plenamente. Ele introduz a ideia de que a verdadeira educação não se limita à formação do indivíduo, mas também engloba a criação de um terreno fértil para o surgimento de gênios, que seriam o ápice da “pirâmide intelectual” de uma nação. Nesse sentido, a *Bildung* assumiria um caráter quase sagrado, uma vez que possibilitaria a manifestação do que se chama de “espírito alemão” em sua forma mais completa e elevada. O filósofo conclui a palestra enfatizando a necessidade de repensar radicalmente o sistema educacional para que este possa realmente cumprir seu papel de formar indivíduos excepcionais e nutrir o potencial criativo da nação. Por fim, na última palestra, o filósofo, já acompanhado de seu amigo e dos dois estudantes, expande sua crítica ao sistema educacional para a subserviência geral aos ditames do Estado ao se perder em um modelo de ensino fragmentado e utilitarista. O velho filósofo destaca a ironia de que a busca por conhecimento acaba por aprisionar os estudantes em uma busca vazia por especialização e erudição, todavia, a palestra termina com uma imagem poderosa: a chegada triunfante do amigo do filósofo, acompanhado por um coral de estudantes, representando a esperança em meio à crise da *Bildung*. Essa cena simboliza a possibilidade de uma renovação no sistema educacional, mas também ressalta a importância da figura do mentor, capaz de conduzir e inspirar as novas gerações.

Em suma, Nietzsche expõe sua crítica contundente ao sistema educacional alemão do século XIX, utilizando a relação entre o filósofo e seu ex-aluno desiludido como fio condutor. Ele argumenta que as instituições educacionais da época falham em seu propósito de formar indivíduos verdadeiramente cultivados (*gebildeten Menschen*). O sistema prioriza a “pseudocultura”, caracterizada pela superficialidade, massificação e instrumentalização do conhecimento para fins utilitários, como o acesso a cargos públicos. A crítica se estende à maneira como o ensino da língua e literatura alemã, assim como dos autores clássicos gregos e romanos, é conduzido. Em vez de despertar o senso estético, o rigor intelectual e a conexão com a tradição cultural, as escolas se perdem em métodos áridos e pedantes, desconectados da realidade e do potencial criativo dos alunos. As palestras deixam claro o anseio do autor por uma reforma radical no sistema educacional, que abandone a busca pela mediocridade e abrace a formação de uma elite intelectual e artística. O Estado, que visa a uma suposta

“iluminação popular” (*Idem*, p. 49), na realidade, serve apenas para fortalecer o poder estatal e suprimir a liberdade⁷.

Nas conferências, o tom é desafiador. Nietzsche não economiza adjetivos e ironia ao longo de suas palestras. Ele se refere à educação de sua época como “falsa cultura”, “pseudo-educação” e “barbarismo”, demonstrando seu desprezo pelo modelo vigente. Uma linguagem carregada de sarcasmo para ridicularizar os defensores do *status quo*, como quando chama os filólogos de “anões” que tentam em vão erguer a estátua da Grécia antiga (Nietzsche, 2016, p. 46), ou quando compara o estilo dos escritores modernos ao andar desengonçado de quem nunca aprendeu a andar corretamente (*Idem*, p. 36). Todavia, ele não se limita a criticar o sistema educacional de forma abstrata, mas busca despertar no leitor um senso de urgência e a necessidade de ação, nos mostrando como ele conclama os “indivíduos singulares”⁸ a se rebelarem contra a mediocridade e a buscarem a verdadeira *Bildung*.

Agora, diga-me você mesmo, meu distinto mestre, que esperanças eu deveria ter, na luta contra uma inversão universal de todos os verdadeiros esforços de *Bildung*, com que coragem eu, como único professor, deveria aparecer, quando sei que sobre cada semente recém-semeada de verdadeira *Bildung* passará implacavelmente o rolo esmagador desta *Pseudo-Bildung*? Imagine como agora deve ser inútil o trabalho mais árduo do professor que, por exemplo, gostaria de conduzir um aluno de volta ao mundo helênico, infinitamente distante e difícil de alcançar, como a verdadeira pátria da *Bildung*: se o mesmo aluno, na próxima hora, pegará um jornal ou um romance popular ou um daqueles livros “cultos”, cujo estilo já carrega o repugnante emblema da atual barbárie da *Bildung* (Nietzsche, 2016, p.37)

Fica claro nas palestras que o alvo retórico principal de Nietzsche é o envolvimento do Estado. Ou seja, o futuro dos estabelecimentos de ensino exige que a educação se liberte de uma visão estatista no sentido que a atividade política imediata faz com que a o ensino “abandone suas reivindicações mais elevadas (...) e se resignem a servir... ao Estado” (NIETZSCHE, 2016, p. 36). O ponto é que Nietzsche se mostra altamente cético de que o Estado poderia ser confiável para organizar um sistema educacional direcionado para o florescimento humano e para colocar no plano de ensino um conjunto de atividades destinadas a elevação

7 Embora as palestras tenham sido bem recebidas por alguns intelectuais da época, como Jacob Burckhardt, professor de História da Arte na Universidade da Basileia, que reconheceu a genialidade e originalidade das ideias de Nietzsche, elas não tiveram um impacto imediato no sistema educacional alemão. No entanto, com o passar do tempo, as críticas de Nietzsche à educação tradicional ganharam força e influenciaram diversos pensadores e educadores (Dias, 2024).

8 Para Rosa Dias (2024), a questão da singularidade tem seu cerne na crítica a uma proposta educativa que busca por um modelo homogêneo de “bom aluno”.

das aspirações sobre aquilo que pode um ser humano⁹. Em outras palavras, as promessas do Estado prussiano de expandir a educação não eram expressões de um interesse autêntico na *Bildung*, mas apenas de um desejo de atender às suas próprias demandas políticas ou satisfazer aquelas da economia em expansão constante. Por isso o filósofo define, adequadamente, o motivo educacional do Estado pela educação é garantir o próprio mercado:

“Tal comparação”, disse o filósofo, seria de fato uma hipérbole de entusiasta, mancando em mais de uma perna manca. Pois essa perspectiva utilitarista, na qual a cultura merece respeito apenas na medida em que serve concretamente ao Estado, e na qual quaisquer impulsos que não possam ser imediatamente adaptados aos próprios fins do Estado devem ser eliminados, é tão estranha ao Estado antigo quanto se pode imaginar. É precisamente por isso que o grego profundo sentiu uma admiração e gratidão pelo estado que pareceria quase chocantemente forte para as pessoas modernas: ele reconheceu que nem uma única semente de cultura poderia crescer e se desenvolver sem a proteção necessária do estado; que toda a sua cultura inimitável, única em toda a história, poderia florescer tão luxuriantemente quanto só sob a égide sábia e cuidadosa dessas instituições protetoras. (NIETZSCHE, 2016, p. 49).

O autodenominado *Kulturstaat* prussiano — um termo que havia entrado em uso com o estabelecimento do departamento de educação prussiano, o *Kultusministerium*, em 1817 — era, portanto, uma contradição em termos¹⁰. Portanto, mesmo escrito em um contexto cultural diverso e pedregoso para o leitor hodierno, grande parte das conferências *Sobre o futuro das nossas instituições de ensino* soará familiar, e poderá até despertar simpatia entre aqueles que estão envolvidos nas atividades pedagógicas ou que pensam a educação em meio às guerras que invadem as salas de aula. Por sua vez, certamente chocaria nossos ouvidos a tese nietzschiana de que a educação popular não é o objetivo das instituições de ensino, devendo privilegiar o “gênio”. Por outro lado, podemos trazer em defesa de Nietzsche o argumento de que seu exclusivismo não foi pensado enquanto uma política pública de educação e a questão levantada passa por um exercício de pensamento acerca de como seria possível formar os jovens de modo que estivessem mais preocupados com os aspectos grandiosos, artísticos e existenciais do que com o nacionalismo militarista que Nietzsche já acusava permear as entrelinhas das reformas pedagógicas implantadas no século XIX — cujos resultados negativos foram colhidos no século XX e sentidos até nossos dias.

9 Pensava ele que a referência às questões imediatas de organização da sociedade, questões de orçamento público e necessidades eleitorais tornariam a educação apenas mais uma engrenagem da máquina estatal, propiciamente sujeita a interferência de aspirações morais e religiosas, assim como reféns de um pragmatismo imediato que talham os alunos de suas potencialidades.

10 “Os alemães — já foram chamados de povo de pensadores: ainda pensam atualmente? — Os alemães agora se entediam com o espírito, eles agora desconfiam do espírito, a política devora toda seriedade perante coisas realmente espirituais. ‘Alemanha, Alemanha acima de tudo’ — este foi, receio, o fim da filosofia alemã... ‘Existem filósofos alemães?’ perguntam-me na Europa.” (NIETZSCHE, 2006, p. 45).

O ponto, a meu ver, é que há uma expectativa de criação de uma cultura autêntica através de mudanças nas instituições de ensino, no qual “o jovem professor Nietzsche sonha com um ideal de educação que o estudo dos gregos pré-platônicos lhe revelara, uma educação ancorada nas experiências de vida de cada indivíduo” (DIAS, 2003, p.32). Neste sentido, defendemos que a má educação é o problema disputado nas cinco palestras, e não o elitismo educacional em que alguns críticos se fixam¹¹.

Neste sentido, a contestação da formação educacional tradicional tem seu ponto alto em *Schopenhauer como educador*, texto de 1874. Resumidamente, este ensaio apresenta a educação como um processo de autodescoberta, autossuperação e construção de valores próprios, visando, sobretudo, à formação de indivíduos livres, autênticos e capazes de pensar por si mesmos. De modo geral, Nietzsche encontra em Schopenhauer um modelo de educador, não por este ter lhe oferecido um sistema filosófico pronto, mas por ter vivido de acordo com suas próprias convicções, desafiando o *status quo* e buscando uma vida autêntica, por isso representa o filósofo-educador ideal por personificar a busca destemida pela verdade, mesmo que tal se mostrasse incômoda ou contrária aos valores dominantes.

Por fim, como aparece em *Schopenhauer como Educador*, a ideia de que ainda poderia haver a redenção da cultura para fora do atoleiro de nosso tempo. A dinâmica de questionamento é sobre a falta de tolerância com um arranjo estético do mundo, no qual uma cultura fragmentada leva os indivíduos a buscarem com muita urgência encontrar um terreno firme em algum lugar, em qualquer lugar, de modo que se tornam vítimas fáceis dos novos filisteus, aqueles que, assim como ocorre em nossa época, repleta de “influenciadores”, são mercadores de soluções falaciosas para problemas complexos.

E como vê o filósofo a cultura em nosso tempo? Muito diferente, sem dúvida, daqueles professores de filosofia contentes com seu Estado. Para ele é quase como se percebesse os sintomas de uma total extirpação e erradicação da cultura, quando pensa na pressa geral e na crescente velocidade da queda, na suspensão de toda contemplatividade e simplicidade. As águas da religião refluem e deixam para trás pântanos ou poças; as nações se separam outra vez com a maior das hostilidades e querem esquartejar-se. As ciências, praticadas sem nenhuma medida e no mais cego *laissez faire*, estilhaçam-se e dissolvem toda crença firme; as classes cultas e os Estados civilizados são varridos por uma economia monetária grandiosamente desdenhosa. Nunca o mundo foi mais mundo, nunca foi mais pobre em amor e bondade. As classes eruditas não são mais faróis ou asilos, em meio a toda essa intranquilidade da mundanização; elas mesmas se tornam dia a dia mais intranquilas, mais desprovidas de pensamento e de amor. Tudo está a serviço da barbárie que vem vindo, inclusive a arte

11 Cf. SOLOMON, R., & HIGGINS, K. What Nietzsche really said. New York, NY: Schocken Books, 2000.

e a ciência de agora. O homem culto degenerou no pior inimigo da cultura, pois quer negar com mentiras a doença geral (NIETZSCHE, 1983, pp. 292-293)

Pois bem, a mensagem que permeia essa reflexão é que o “dever de me educar” é aquilo que a filosofia pode ensinar. Schopenhauer personifica, assim, a figura do verdadeiro educador, aquele que inspira pela paixão genuína pelo conhecimento e pela busca incessante pela verdade, não pela promessa de recompensas ou reconhecimento. Ou seja, Schopenhauer educa não no sentido tradicional de um professor que transmite conhecimentos, mas por personificar a busca autêntica e destemida pela verdade. Essa paixão pelo saber contrastando com a busca por seguidores, *status* ou poder, inspira e serve como modelo para o verdadeiro educador, aquele que leva o aluno a examinar a si mesmo, seu tempo, e o mundo ao seu redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que a aplicação da crítica nietzschiana das cinco palestras à educação contemporânea exige cautela e senso crítico, primeiro, não se trata de uma teoria pedagógica sistemática, além disso, são ideias complexas e retoricamente direcionadas. No entanto, sua crítica radical às instituições de ensino e sua defesa de uma formação que promovesse a autonomia, o pensamento crítico e a sensibilidade estética oferecem ferramentas valiosas para repensarmos os desafios da educação no século XXI (Babich, 2018). Daí o personagem principal do diálogo em determinado momento cair em um frenesi dirigido àqueles que associariam a “verdadeira educação” da qual ele fala a algum tipo de idealismo:

De todos os reinos da distinção intelectual, acusadores surgem para te acusar. Quer eu olhe para escritores, filósofos, pintores ou escultores — e não apenas aqueles com os maiores dons — vejo nada além de talentos imaturos, superexcitados, prematuramente esgotados, queimados ou congelados antes de atingirem a maturidade [...]. Isso é o que quero dizer quando exijo verdadeiras instituições educacionais e denuncio como lamentáveis os lugares que ostentam esse nome hoje. Qualquer um que queira chamar essa demanda de “idealista”, ou de fato relacionada a algum “ideal” qualquer, sem dúvida esperando me ludibriar com algum tipo de elogio, merece a resposta de que o que temos atualmente é simplesmente vil e vergonhoso (NIETZSCHE, 2016, p. 64)

A questão é que, se a educação não pode apelar para a cultura existente, já que esta foi tomada por interesses econômicos e políticos, temos que modelar outros mundos possíveis. Neste sentido, essas palestras não tramam uma defesa típica da “verdadeira cultura” contra sua corrupção por pessoas inapropriadas, mas, ao contrário, o ponto mobilizado é a defesa da educação que se protege contra o instrumentalismo, ou seja, preocupada em valorizar o papel do genuíno educador, e promover o ensino como um instrumento de resistência.

Em *A escola não é uma empresa*, Christian Laval (2019) se apropria das críticas de Nietzsche à educação de massa do século XIX para analisar a relação entre a escola e a economia no contexto neoliberal. Para Laval, embora Nietzsche não tenha se dedicado à análise do neoliberalismo como tal, por ser um fenômeno posterior, suas reflexões sobre a instrumentalização da educação e a ascensão da mentalidade utilitarista, mostram-se surpreendentemente relevantes para a crítica do modelo educacional contemporâneo.

Laval concorda com o diagnóstico de Nietzsche, apontando que a democratização da educação, em vez de promover o acesso à cultura em sua dimensão integral, tem sido guiada pela lógica da eficiência econômica, pela qual a escola torna-se um instrumento para a produção de trabalhadores “correntes”. A ênfase na utilidade do conhecimento, promovida pelo discurso neoliberal, representa, para Laval, a intensificação de uma tendência utilitarista que se manifesta desde o século XIX, com autores como Herbert Spencer e o próprio Adam Smith, que, apesar de reconhecer a importância da educação para além da esfera econômica, já defendiam a inclusão de mecanismos de mercado na educação.

Neste sentido, Laval demonstra como a crítica de Nietzsche à superficialidade da cultura de massa e sua obsessão por dinheiro e lucro encontra eco na crítica à educação neoliberal, pois, assim como Nietzsche via a cultura de massa como um obstáculo à formação de indivíduos autônomos e capazes de pensamento crítico, Laval acusa a educação neoliberal de reduzir o saber a um mero investimento, moldando o indivíduo para atender às demandas do mercado de trabalho em detrimento de outras esferas da vida. A ênfase na “empregabilidade”, na “flexibilidade” e na “adaptação ao mercado”, tão presente nos discursos educacionais contemporâneos, representa, para ele, a culminação da lógica utilitarista que Nietzsche já identificava em seus primórdios.

Aqueles que defendem essa visão odeiam qualquer educação que faça uma pessoa seguir seu próprio caminho, ou que sugira objetivos acima e além de ganhar dinheiro, ou que leve muito tempo: eles até tentam descartar essas diferentes ideias educacionais como “egoísmo superior” [...] O que o código moral que opera aqui exige é exatamente o oposto: uma educação rápida, para que você possa começar a ganhar dinheiro rapidamente e, ao mesmo tempo, uma educação completa o suficiente para que você possa ganhar muito dinheiro. A cultura é tolerada apenas na medida em que serve à causa de ganhar dinheiro, mas essa quantidade de cultura também é exigida. Em suma: a humanidade tem um direito necessário à felicidade terrena e é por isso que a educação é necessária - mas essa é a única razão para isso! (Nietzsche, 2016, p. 27)

Em conclusão, defendemos que as ideias de Nietzsche nos ajudam a pensar sobre a instrumentalização da educação e a ascensão do fundamentalismo como lógica dominante. No contexto brasileiro do século XXI, isto é, sob as pressões das elites econômicas por

implementar uma agenda neoliberal a qualquer custo, ao evocar as críticas contundentes de Nietzsche à educação de massa, podemos repensar o papel da escola e como resistir à redução da educação a uma mera ferramenta exclusivamente voltada ao mercado. A defesa de uma educação que visa a todas as vidas e corpos possíveis, a nosso ver, repercute o alerta do jovem Nietzsche sobre os perigos da instrumentalização do saber em textos como *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*.

REFERÊNCIAS

- BABICH, B. Nietzsche (as) educator. *Educational Philosophy and Theory*, London, n. 51, v.9, p. 871–885, 2018.
- BORNHEIM, Gerd. Introdução à leitura de Winckelmann. Porto Alegre: Movimento, 1975.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Pimenta cultural, 2024.
- GALLO, Silvio. Educação, devir e acontecimento: para além da utopia formativa. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 26, n. especial, p. 41-72, 2012.
- GOERGEN, Pedro. Bildung ontem e hoje: restrições e perspectivas. *Espaço Pedagógico*. v. 24, n. 3, Passo Fundo, p. 437-451, set./dez. 2017.
- LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.
- NIETZSCHE, F. Anti-education: On the future of our educational institutions. Trad. D. Searls. New York, NY: New York Review Books, 2016.
- NIETZSCHE, F. O Crepúsculo dos Ídolos ou como Filosofar com o Martelo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. Obras Incompletas. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. [coleção Os Pensadores].
- NIETZSCHE, F. Untimely meditations. Trad. R. J. Hollingdale. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.
- SOLOMON, R., & HIGGINS, K. What Nietzsche really said. New York, NY: Schocken Books, 2000.

Camilo Lelis Jota Pereira é doutor em Filosofia (UFMG). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto, Mestrado em Filosofia, também pela UFOP. Atualmente é professor da FCA/Unicamp. Venho desenvolvendo pesquisas na área de Filosofia da Educação, Tecnologias e Estética. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2229-9755>. E-mail: camilofilosofia@hotmail.com.

Endereço: Rua Jorge Nogueira Ferraz, 52, ap.15, Jardim Chapadão, Campinas-SP 13070-120

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Prof. Doutorando Paulo Rogério da Rosa Corrêa / Prof. Dr. Paulo Becher Junior